

“A VELHA DEVOROU A MOÇA?”: RACHEL DE QUEIROZ DE 1910 A 1964

Natália de Santanna Guerellus*

Resumo: O presente artigo traz uma análise sobre a trajetória intelectual da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003) a partir da memória construída por ela mesma e por terceiros, sobretudo no que se refere ao período entre 1930 e 1964. Pretende, com isso, problematizar a complexidade, as ambiguidades e paradoxos da ação política de uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX.

Palavras-Chave: História Política do Brasil, Biografia Intelectual, Rachel de Queiroz.

“THE OLD WOMAN DEVOURED THE GIRL?”: RACHEL DE QUEIROZ FROM 1910 TO 1964.

Abstract: This article analyzes the intellectual trajectory of Ceará writer Rachel de Queiroz (1910-2003) based on the memory built by herself and by other people, with a special attention to the context between 1930 and 1964. The goal is to present the complexity, ambiguities and paradoxes of the political action of one of the most important Brazilian intellectuals of the twentieth century.

Keywords: Brazilian Political History, Intellectual Biography, Rachel de Queiroz.

Introdução

O presente artigo traz alguns dos resultados de uma pesquisa que procura pensar a intelectualidade de direita no Brasil do século XX da forma mais verticalizada possível: através do estudo biográfico. O trabalho em caráter mais amplo consiste na análise da

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e professora leitora no Departamento d'Études Lusophones da Université Paris Nanterre (2016/2017).

trajetória intelectual de Rachel de Queiroz (1910-2003), escritora de apelo popular, que teve seu primeiro romance publicado aos dezenove anos, entre a infância e o golpe de 1964. Rachel de Queiroz foi uma das poucas escritoras mulheres a participar do círculo modernista de seu estado de origem e do grupo regionalista dos anos 1930. Já ao longo dos anos 1940, tornou-se autora canônica da literatura brasileira e, em 1977, foi eleita a primeira mulher a pertencer à Academia Brasileira de Letras¹.

O interesse acadêmico pela autora, conseqüentemente, se concentra de modo especial em seu perfil literário, procurando compreender e analisar a produção, a circulação e a recepção dos escritos rachelianos ao longo do tempo, com trabalhos recentes voltados especialmente para sua escrita cronística. *O Quinze*, seu primeiro livro publicado², lançado em 1930, é também matéria constante de análise, uma vez que inaugura a inserção da autora no campo intelectual de caráter nacional, em grupos definidos como “romance regionalista” ou no interior do “romance de 30”.

Para o presente trabalho, no entanto, procurou-se um ponto de vista alternativo mais ligado aos estudos históricos, de modo a propor um olhar diferente sobre esta autora já tão estudada, de modo a contribuir com sua riqueza crítica. Procurou-se, portanto, centrar a análise em seu percurso enquanto “intelectual”. A definição da palavra é complexa, sendo comum vincular as razões de sua expansão ao famoso caso Dreyfus na França do final do século XIX. Para os pesquisadores Jean-François Sirinelli e Pascal Ory, o intelectual não é definido por sua função ou seu *status* profissional, mas por sua intervenção no terreno da política; não sendo necessariamente “o homem [a mulher] que pensa, mas o homem [a mulher] que comunica um pensamento”. Este sujeito com grande habilidade narrativa também acredita ter uma vocação crítica (não necessariamente contrária ao *status quo*), e ser o porta-voz dos grandes valores da humanidade³.

¹ Este artigo traz uma das conclusões percebidas a partir da tese intitulada: “Como um Castelo de Cartas: Culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)”, defendida no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense em abril de 2015.

² Rachel já tinha em mãos os originais de outro livro, *Mandacaru*, com poesias que escrevera até 1930. No entanto este livro foi publicado apenas postumamente, em 2010, *fac-símile*, pelo Instituto Moreira Salles.

³ « Dans notre ouvrage, l’intellectuel sera donc *un homme du culturel, créateur et médiateur, mis en situation d’homme du politique, producteur ou consommateur d’idéologie*. Ni une simple catégorie socioprofessionnelle, ni un simple personnage, irréductible. Il s’agira d’un *statut*, comme dans la définition sociologique, mais transcendé par une *volonté* individuelle, comme dans la définition éthique, et tourné vers un *usage* collectif » In:

O objetivo do presente artigo é, neste sentido, apresentar e analisar aspectos importantes revelados no estudo da memória sobre a trajetória intelectual de Rachel de Queiroz, entendendo, com isso, aquilo que é vinculado à política. Procura-se mapear esta memória e compreender suas diferentes elaborações ao longo do tempo e também seus “esquecimentos”, parte integrante de toda narrativa de memória.

Diferente do que possa parecer às gerações de hoje, habituadas à leitura dos romances rachelianos, onde se destaca *O Quinze*, Rachel de Queiroz foi uma prolífica escritora de crônicas de caráter político ao longo de mais de setenta anos de carreira, participando e representando em sua escrita os momentos mais importantes da história nacional⁴. Em todo seu percurso, Rachel de Queiroz prezou por sua autonomia - e talvez este seja o dado mais importante de sua trajetória intelectual -, ainda que dialogasse com grupos políticos específicos em determinados momentos.

Os sujeitos da memória

O ano de 2010 marcou a celebração do centenário de nascimento de Rachel de Queiroz, comemorado em várias universidades, escolas e outras instituições, como museus, bibliotecas, centros culturais. Assim foram a exposição organizada pela Academia Brasileira de Letras e as palestras e lançamentos organizados pelo Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro, além da série de artigos, eventos comemorativos e lançamentos promovidos na cidade natal da autora, Fortaleza, Ceará.

SIRINELLI, Jean-François; ORY, Pascal. *Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2004, p. 15.

⁴ O presente trabalho contabilizou um total de 1652 crônicas somente na revista de circulação nacional, *O Cruzeiro*, e no periódico carioca *Diário de Notícias*. Isto entre 1938 e 1975. No entanto, sabe-se que este universo é bem maior. A partir do fundo depositado no Instituto Moreira Salles, que atualmente encontra-se em deslocamento para a cidade de Fortaleza, os periódicos nos quais Rachel de Queiroz escreveu ao longo da vida foram: *Diário de Notícias* (RJ), revista *O Cruzeiro*, *A Cigarra* (RJ), *Folha Carioca* (RJ), *O Jornal* (RJ), *O Nordeste* (CE), *Correio da manhã* (RJ), *A manhã*, *O Povo* (CE), *O Unitário* (RJ), *Revista do Brasil*, *Correio do Ceará* (CE), *Folha do Povo*, *Manchete*, *O Cruzeiro Internacional*, *O Estado de São Paulo* (SP), *Diário de São Paulo*, *Diário do Congresso*, *Diário de Pernambuco* (PE), *Jornal da Barra* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ), *Última Hora* (RJ), *O Dia* (RJ), *Correio Brasiliense* (DF), *Jornal da Bahia*, além de alguns manuscritos e periódicos esparsos.

Em todas as comemorações, o lado mais aclamado da trajetória da autora foi, com certeza, o de sua carreira literária, como romancista e cronista e, para surpresa de muitos, poeta. A grande novidade foi o lançamento, no Rio e em Fortaleza, de originais, até então nunca divulgados, das poesias escritas por Rachel ainda antes do romance *O Quinze*, de 1930, além de documentos inéditos que possibilitaram a apreciação da carreira jornalística da autora cearense⁵.

No entanto, já antes do centenário, ainda em 2002, o jornalista Hermes Rodrigues Nery publicara uma coletânea de conversas informais com a escritora cearense. São 270 páginas onde vários temas são tratados, tanto em relação à biografia da autora quanto sua opinião sobre política, literatura, profissão, família, amizade, religião etc. É uma das maiores entrevistas que Rachel concedeu e está baseada não apenas em uma conversa informal, mas várias, colhidas entre 1988 e 1996.

Este livro é uma das várias entrevistas que Rachel deu em vida. Não é à toa que os responsáveis pelo número especial dedicado a ela pelo Instituto Moreira Salles em 1994, já tivessem percebido nessa pluralidade um desafio: “a facilidade é que se pode esperar que a escritora fale com seus entrevistadores o tempo que for necessário. O problema é que, como Rachel já concedeu um sem número de depoimentos, fica difícil trazer à tona temas ainda não abordados”⁶.

Mesmo assim, o Instituto Moreira Salles investiu no projeto convidando diferentes especialistas e autores brasileiros prontos a interrogar a escritora cearense. Aliado a ensaios feitos por Wilson Martins, Heloísa Buarque de Hollanda e Vilma Arêas, a revista acaba se tornando uma das principais referências no estudo sobre Rachel de Queiroz, revelando novos aspectos de sua obra e referências bibliográficas importantes.

Da mesma forma, um importante ensaio biográfico foi publicado pela escritora Socorro Acioli em 2003, ano da morte de Rachel. O livro lançado pelas edições Demócrito Rocha foi

⁵ QUEIROZ, Rachel de. *Serenata*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010; QUEIROZ, Rachel de. *Mandacaru*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010. Cito ainda os estudos críticos publicados: BARBOSA, Lourdinha Leite & ARAGÃO, Cleudene de Oliveira (Orgs), *100 anos de Rachel de Queiroz: vida e obra*, Fortaleza: Assembleia Legislativa do Ceará e Edições Inesp, 2010; COUTINHO, Fernanda (Orgs), *Rachel de Queiroz: uma escrita no seu tempo*, Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

⁶*Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz*. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p.21.

feito a partir de entrevistas com Rachel de Queiroz e do próprio volume do IMS, e revela através de uma narrativa fluida, clara e acessível a história da trajetória literária de Rachel de Queiroz até sua velhice⁷.

Além das publicações acima citadas, é importante destacar também o livro que a autora cearense escreveu a quatro mãos, com sua irmã, Maria Luiza de Queiroz. Gênero literário mais próximo da memória, *Tantos Anos* é, no entanto, também uma coletânea de entrevistas; só que aparentemente mais livre, com respostas bem longas, talvez pela vantagem de Rachel responder a questões formuladas pela própria irmã.

Conta Maria Luiza de Queiroz que no final dos anos 1980, quando trabalhava para a Tv Educativa, do Rio de Janeiro, Zivaldo fazia então um programa de entrevistas. Um desses programas foi com Rachel. Como se atravessava um momento de grande ebulição política, com o fim do regime militar, a entrevista encaminhou-se naturalmente para as passadas turbulências do país: os idos da era getulista, as experiências de Rachel como membro do Partido Comunista, as prisões, a clandestinidade, a sua trajetória de vida sempre ligada à trajetória política do Brasil. De repente Zivaldo virou-se para Maria Luiza e falou que ela precisava contar estas histórias, que era sua obrigação como a pessoa mais próxima de Rachel. E assim teve início, segundo Maria Luiza, o processo de “fazer Rachel falar” e a publicação seguinte do livro em 1998⁸.

Por fim, com o advento das “comemorações” dos cinquenta anos do golpe de 1964, um importante artigo tratando da relação entre Rachel de Queiroz e o golpe civil militar foi publicado pela historiadora Isabel Lustosa, baseada em entrevistas que fez com a autora cearense nos anos 1990⁹. Nele, observam-se os dados gerais mais importantes da relação entre a escritora cearense e o golpe de estado que acabou com a democracia brasileira nos anos 1960.

⁷ ACIOLI, Socorro, *Rachel de Queiroz*, Fortaleza, Demócrito Rocha, 2003.

⁸ QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 09/10.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/institutomoreirasalles/posts/972639779430280> e <http://em1964.com.br/rachel-e-o-golpe-por-isabel-lustosa/> Acesso em dezembro de 2014. Sobre o assunto vale à pena ler ainda o discurso de posse do historiador José Murilo de Carvalho na ABL, quando ocupa a cadeira deixada por Rachel de Queiroz: CARVALHO, José Murilo de; ARINOS FILHO, Afonso. *Discurso de posse de José Murilo de Carvalho e discurso de recepção de Afonso Arinos de Mello Franco*: em 10 de setembro de 2004. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. 30 p. Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.

Nota-se, portanto, que já existe uma memória *sobre* a trajetória literária e intelectual de Rachel de Queiroz, que será revelada por alguns livros, artigos de jornal e por suas entrevistas. Neste último caso, a memória será sempre o resultado de um diálogo, quer dizer, será formada a partir da interação entre entrevistador e entrevistada, revelando a possibilidade de analisar, não só as respostas da autora, mas o que cada interlocutor buscava saber da vida de Rachel a cada época em que as entrevistas foram realizadas.

O interessante é observar que, enquanto jornalistas, amigos e parentes, principalmente a partir dos anos 90, integraram um movimento de resgate do testemunho de Rachel de Queiroz, entendendo-o como peça importante para a sociedade, tendo sido ela testemunha ocular dos principais fatos políticos e literários do país, quase nenhum estudo foi feito à mesma época no âmbito historiográfico; mesmo quando a disciplina no Brasil passava a valorizar mais as fontes orais e a literatura, e abria-se aos estudos de Gênero, à renovação da história política e às trajetórias individuais sob uma perspectiva histórica¹⁰.

Para Heloísa Buarque de Hollanda nos anos 1990, o “esquecimento” relativo à obra e trajetória de Rachel de Queiroz se deveu ao medo da academia em relação a ela, “medo de enfrentar sua relação conflituosa com os movimentos feministas ou com a literatura escrita por mulheres e medo de explicitar as possíveis causas do sucesso e do poder público que esta escritora adquiriu ao longo do tempo, quando transitou com espantosa autoridade e naturalidade pela cena literária e política do país”¹¹. Dito isto, cumpre analisar alguns dos lados mais polêmicos desta trajetória política que, por sua vez, “apaga” o interesse dos estudos sociais no que diz respeito a Rachel de Queiroz

A primeira mulher na Academia

¹⁰ De acordo com nossos conhecimentos até agora, além da tese que defendi no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, deve-se também mencionar a tese defendida no mesmo departamento de Raquel França dos Santos, intitulada: *A “Última Página” do O Cruzeiro: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64*. Tese (Doutorado em História). 2015. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói. 284p.

¹¹HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Op. Cit.* 2002, p.104.

Como membro da Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz foi velada em novembro de 2003 no prédio da instituição, situado no Centro do Rio de Janeiro. Apesar de ter enfrentado vários problemas médicos nos últimos anos de vida, teve morte calma às vésperas de completar noventa e três anos de idade.

A data do velório coincidia com o 04 de novembro de 1977, data em que fora recebida na instituição como a primeira mulher a adentrar a tradicional Casa de Machado de Assis. A entrada das mulheres na ABL é uma história a parte e remonta ainda à sua fundação¹². Em 29 de abril de 1976, o acadêmico Osvaldo Orico, mobilizado pela campanha de Dinah Silveira de Queiroz a favor da admissão das mulheres na Academia, apresentou nova proposta de reforma no Regimento da Instituição¹³. “Dinah, que afirmava estar lutando pela entrada das mulheres na ABL, e não especificamente pela sua, encampou a candidatura de Rachel de Queiroz”¹⁴. O adversário era o renomado jurista Pontes de Miranda.

Rachel de Queiroz ocupou a cadeira número cinco da ABL, cujo fundador – o poeta Raimundo Correia, foi homenageado pela autora em seu discurso de posse.

O poema eu descobriria por mim mesma, num volume já gasto por outras gerações de moças – minhas tias. Naquela nossa casa onde se lia tanto, mas onde meu pai só gostava de Camões, Castro Alves, Guerra Junqueiro, e minha mãe sofria uma incompreensível falta de ouvido para os poetas – (o seu ídolo era Machado, mas na prosa!) – Raimundo ficou sendo meu poeta particular, o meu misterioso, louco, poeta particular¹⁵.

A influência da família, o sertão, as leituras de quando era menina, seriam marcas profundas da literatura racheliana. Todos estes aspectos ficam claros neste trecho do discurso realizado pela autora e em crônicas posteriores publicadas em jornal.

¹² Desde sua fundação cogitaram-se nomes como o de Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia e Amélia Beviláqua. Até os anos 1970, entretanto, predominou entre os acadêmicos a opinião conservadora neste aspecto. Ver: FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, São Paulo, 2009, 387p.

¹³ Osvaldo Orico já sucitara a discussão na ABL no segundo semestre de 1970, quando Dinah Silveira apresentou candidatura para a Academia no lugar de Álvaro Lins. Nesta época, a candidatura foi negada e o argumento de Orico pouco comentado. Ver FANINI, Michele Asmar. *Op. Cit.* p. 237.

¹⁴ HOLLANDA, Heloísa Buarque de. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. “A roupa de Rachel” in: *Estudos Feministas*, v. 0, n. 0, 1992, p. 74-96; p. 80.

¹⁵ QUEIROZ, Rachel de & FILHO, Adonias. *Discurso na Academia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. Menções relativas a gênero e literatura são feitas, no entanto, no momento em que Rachel cita o importante papel da mulher como leitora e quando Adonias elogia Rachel por sua habilidade em construir personagens femininas.

Eleita Rachel, uma das polêmicas que povoou os jornais e revistas foi a escolha da roupa que vestiria a acadêmica. No artigo *A roupa de Rachel*, Heloísa Buarque de Hollanda – pesquisadora que fora amiga da autora cearense – retrata as várias discussões nos jornais do Rio, de São Paulo, da Bahia. Alguns membros da ABL opinaram que o modelo deveria ser discutido e votado pelo grupo; outros deram à escritora o direito de escolha. Aconselharam boleros de toureiro, dragonas, alamares e mesmo opas de acompanhar procissão. Ao final, prevaleceu a escolha de Rachel: “Estão fazendo muita onda com essa história da minha roupa. Meus vestidos são todos *chemisier*, todos absolutamente do mesmo feitio: eu não me visto, eu me cubro”¹⁶.

Mas, para além da polêmica do fardão após a eleição existe ainda o fato de Rachel ser a primeira mulher na Academia. No entanto, interessante seria notar a ausência de qualquer menção nos discurso de posse e recepção, este último escrito por Adonias Filho, ao fato de Rachel ser a primeira mulher a entrar para a tradicional Academia Brasileira de Letras, mesmo que a maior parte do público presente na cerimônia fosse de mulheres e os jornais destacassem esta dimensão da eleição: “Mais de mil pessoas, com predominância do público feminino além de 24 dos 50 imortais estiveram presentes, assinalando aquilo que será, na história da literatura brasileira, um dos fatos mais importantes: a entrada da mulher na ABL”¹⁷.

Esta característica dos discursos de posse e recepção de Rachel e Adonias é sintomática de uma posição defendida por Rachel de Queiroz desde que começou a integrar o círculo modernista dos anos 1930: ser considerada como igual, não utilizar o feminino como argumento de diferenciação profissional¹⁸. Remontando no tempo, vê-se que desde o artigo

¹⁶Apud. QUEIROZ, Rachel de. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. “A roupa de Rachel” in: *Estudos Feministas*, v. 0, n. 0, 1992.

¹⁷ Rachel de Queiroz é a 1ª mulher na Academia. *Jornal do Comércio*. 05/11/1977, p. 01. Sessão de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁸ É importante destacar que, apesar de problematizarmos aqui apenas rapidamente esta questão de gênero na trajetória política de Rachel de Queiroz, ela é muito mais complexa. As ambiguidades assumidas pela autora em relação aos feminismos dariam um trabalho específico que aqui, infelizmente, não cabe desenvolver. Na minha dissertação menciono estas questões na biografia racheliana entre 1927 e 45 e sua relação complexa com os diversos feminismos da época. Basta mencionar que, apesar de não ter se envolvido com o feminismo sufragista dos anos 1930, Rachel foi, na época, leitora e promotora de uma outra forma de feminismo, libertário, o da escritora Maria Lacerda de Moura.

clássico do poeta Augusto Frederico Schmidt, Rachel de Queiroz ocuparia um lugar ambíguo quando se trata da escrita de autoria feminina. Afirma o crítico literário ainda em 1930:

Nada há no livro [*O Quinze*] de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe. É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção – e isto a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome¹⁹.

Uma mulher que não escreve como uma mulher “deveria” escrever, de acordo com o horizonte de expectativas da época, é o que diferencia Rachel de Queiroz no interior da literatura à qual é incorporada a partir dos anos 1930. Pode-se facilmente compreender que o nome escondido por trás de “outro nome” na suposição de Schmidt era provavelmente o nome de um sujeito masculino.

Já em relação à posse de Rachel de Queiroz em 1977, podemos perceber a decepção do público feminino ali presente através da fala de Nélida Piñon em entrevista a Michele Fanini em 2009:

Eu fiquei decepcionada com o discurso dela, porque a Rachel não era feminista, ela não tinha a noção histórica do papel da mulher na sociedade, e ela entra justamente por isso. Eu acho que a Rachel entra na Academia, e não Dinah, porque Dinah desenvolve um papel político, e Rachel não. Rachel era aliada do mundo masculino, não que eu não seja, ou Dinah não seja, mas é que ela era no sentido de olhar com uma certa indiferença uma conquista dessa natureza. Ela é aceita com naturalidade porque ela é apoiada por seus grandes amigos homens e grandes escritores, como ela também era²⁰.

De fato, nos anos 1970, faziam parte da Academia vários amigos de Rachel, entre eles o escritor Otávio de Faria, um dos críticos responsáveis pela consagração literária da autora nos anos 30. Além dele, Adonias filho, com quem Rachel de Queiroz diz ter “conspirado” para derrubar o governo de João Goulart nos anos 1960²¹. Otávio de Faria, Afonso Arinos e Rachel

¹⁹ SCHMIDT, Augusto Frederico. Uma revelação – O Quinze. *As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas*. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930, n. 4. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 14. edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971, p. 06.

²⁰ Apud. FANINI, Michele Asmar. *Op. Cit.* p. 254.

²¹ QUEIROZ, Rachel; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. cit.*, p. 216.

de Queiroz, assim como Adonias Filho, além de fazerem parte da ABL²², integraram o Conselho Federal de Cultura nos anos 1960 e/ou 70, durante o regime militar.

O golpe civil militar de 1964

A polêmica do fardão expressa uma importante reflexão no interior dos estudos de gênero, uma vez que a roupa já tinha sido um argumento utilizado por acadêmicos para se oporem à candidatura feminina à Academia Brasileira de Letras. Mas além desta polêmica, outro ponto deve ser destacado no que tange a posse de Rachel de Queiroz na ABL em 1977.

Em 05 de agosto o acadêmico Osvaldo Orico, o mesmo que tinha proposto a alteração no regimento da ABL para que incluísse a entrada das mulheres, afirma ao *O Estado de São Paulo*:

O escritor Osvaldo Orico disse ontem tão logo soube do resultado da eleição que não compareceu à reunião como protesto ao resultado que ele já previa e desabafou: “Ganhou Rachel, perdeu a Academia!”. O autor da emenda ao regime permitindo a candidatura de mulher à imortalidade acusou o Conselho Federal de Cultura de ter influenciado os acadêmicos através de seu presidente Adonias Filho²³.

Na época, os jornais afirmam que Osvaldo Orico chegou a acusar o resultado da eleição de Rachel como uma troca de favores entre ela e Adonias Filho. Ele tinha sido o responsável por sua candidatura no interior da ABL. Segundo Orico, a vitória teria acontecido uma vez que a cearense teria, “com seus poderes mágicos”, colocado Adonias na presidência do Conselho Federal de Cultura²⁴. No entanto, é importante destacar que, já nos anos 1990, Rachel menospreza esta polêmica, afirmando que Orico estaria apenas magoado porque Rachel tinha entrado na ABL antes de Dinah Silveira, a verdadeira promotora da entrada das

²² Otávio de Faria foi eleito para a ABL em 1972, Afonso Arinos de Melo Franco em 1958, Adonias Filho em 1965.

²³ *O Estado de São Paulo*. Rachel de Queiroz e a vez da mulher na ABL. 05/08/1977, p. 09. Acervo do Estadão.

²⁴ *O Estado de São Paulo*. Rachel de Queiroz e a vez da mulher na ABL. 05/08/1977, p. 09. Acervo do Estadão.

mulheres na Academia. Aqui se destaca o fator “memória”: o que causou um certo mal-estar na década de 1970, torna-se um mero detalhe 20 anos depois²⁵.

De todo modo, a declaração de Oswaldo Orico revela não mais as características formais da entrada de Rachel na ABL, nem a questão do vestuário, mas um dos aspectos políticos envolvendo a eleição de uma escritora diretamente vinculada ao regime militar. Este vínculo não se deu somente por ser membro do CFC desde sua fundação em 1967 até sua extinção, em 1989.

Rachel de Queiroz defendeu a “Revolução de 64” em suas crônicas desde antes de 1964, mesmo por sua aproximação com o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, justamente quem a nomeou, junto a outros 23 membros, para o CFC em 1967. A partir do relato de Rachel de Queiroz, logo após o golpe, o primeiro presidente militar pediu dois favores à autora: que a cearense integrasse o diretório da ARENA, pois queria intelectuais no partido; e que fosse aos Estados Unidos como delegada do Brasil à Assembleia da ONU em 1966²⁶.

A polêmica criada com a entrada de Rachel na ABL em 1977 foi um exemplo da imagem intelectual de Rachel de Queiroz no Brasil do regime militar. A partir da década de 1970 e, principalmente, após 77, as entrevistas encontradas que tratam da questão política na trajetória racheliana, vão enfatizar sua participação no comunismo da década de 30. Esta talvez fosse uma forma de evidenciar uma possível contradição no caminho da autora nesse momento que marca uma nova fase no regime militar, principalmente a partir do governo Geisel, com o começo do discurso sobre a abertura política.

Se hoje não é segredo que Rachel de Queiroz integrou o Partido Comunista do Brasil nos anos 1930, à época este argumento serviu como mote para que jornalistas reforçassem a mudança de posição de Rachel de Queiroz entre um e outro momento. Em entrevista com Ary Quintella em março de 1970, Rachel responde acerca de seu comunismo na década de 30:

²⁵ Sobre o comentário de Rachel nos anos 1990, ver: Rachel de Queiroz no Programa Roda Viva de 01/07/1991: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel%20de%20Queiroz/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm

²⁶ QUEIROZ, Rachel; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. cit.*, p. 219.

O fato é que o comunismo, o meu comunismo, àquela época, era um desaguadouro para essas inquietações, esse desejo de justiça social, de justiça particular, de justiça privada, de justiça com jota grande, que todo jovem generoso tem. E, naquele momento, o desaguadouro para todas essas ansiedades, decepcionada como estava a mocidade com a revolução de 30 – já estávamos em pleno getulismo – era o comunismo e o socialismo. Havia também esse lado heroico, ilegal, que o Partido tinha naquele momento e que seduzia os jovens²⁷.

Rachel interpreta sua participação no Partido Comunista como um impulso de juventude. No entanto, percebe-se pela análise de documentos²⁸ que de fato a participação no PCB não foi tão significativa quanto sua participação no movimento trotskista dos anos 1930. Infelizmente, este movimento não aparece mencionado nas entrevistas dos anos 1970. Além do mais, a atuação política de Rachel de Queiroz, em qualquer dos momentos de sua vida, não se deu tanto na vida partidária, mas através dos jornais: “Preferi ficar na minha tribuna porque minha ideologia sempre se manifestou e se resolveu em forma de livros, de artigos de jornal [...]”²⁹.

A ênfase na participação política da juventude racheliana, presente nas entrevistas da década de 1970 tende a provocar Rachel de Queiroz e reforçar sua imagem conservadora. Um exemplo é a entrevista a Isa Cambará para a *Folha de S. Paulo* ainda em abril de 1977. A jornalista da *Folha* afirma:

1930: uma revolução na literatura. 1977: uma revolução na ABL. Apesar de a eleição ser só em agosto, sua eleição é tida como certa. [...]. Entre uma e outra data, 47 anos. Entre uma e outra data, duas Racquéis de Queirós. A primeira, a jovem de ideias revolucionárias, que escrevia romances sociais, opositora ferrenha do Estado Novo e de todas as estruturas arcaicas. A segunda, uma senhora tranquila, que quer entrar para uma instituição que representa, para muitos jovens de hoje, as mesmas estruturas arcaicas que ela contestou um dia³⁰.

²⁷ QUINTELLA, Ary. Rachel de Queiroz (Entrevista). Suplemento Literário, *Jornal do Comércio*. 14/03/1970, p. 04, Sessão de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸ Aqui destacaria, por exemplo, a participação de Rachel de Queiroz na fundação do periódico trotskista *Vanguarda Socialista* em 1945. Ver GUERELLUS, Natalia de Santanna. *Como um Castelo de cartas: Culturas políticas brasileiras e a trajetória de Rachel de Queiroz*. Tese (Doutorado em História). 2015. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói. 388p. p. 195.

²⁹ CAMBARÁ, Isa. A velha senhora na Academia (Entrevista). *Folha de São Paulo*. 17.04.1977, Folhetim, p. 04. Acervo da Folha de São Paulo. Disponível em: acevo.folha.uol.com.br/fsp/1977/04/17/348/. Acesso a janeiro/2016.

³⁰ CAMBARÁ, Isa. A velha senhora na Academia (Entrevista). *Folha de São Paulo*. 17.04.1977, Folhetim, p. 04. Acervo da Folha de São Paulo. Disponível em: acevo.folha.uol.com.br/fsp/1977/04/17/348/. Acesso a janeiro/2016.

A esta provocação Rachel explica como resultado de sua velhice: “Há quem chame isso acomodação. Para mim, é desilusão”. Esta entrevista chega a ser agressiva, quando a jornalista tenta arrancar da cearense uma opinião sobre a censura, no que Rachel só afirma: “Qual o escritor que pode ser favorável à censura?” E não se manifesta mais em relação a isso. A questão da velhice já tinha sido utilizada como argumento por Rachel de Queiroz também em crônica de 1970, na comemoração dos quarenta anos de *O Quinze*:

Era essa a mocinha que escreveu *O Quinze* e é responsável por ele, e pelos seus ingênuos desabafos de principiante da vida e do ofício. E quem é a velha senhora que vocês enganadamente chamam a dar testemunho? Que tem ela em comum – sofrida, humilde, desenganada – com a insolente rapariga que, quarenta anos atrás, ia ajudar a reformar o mundo?³¹

Já nas entrevistas dos anos 1990, findo o regime militar, pode-se destacar outra perspectiva em relação à trajetória política de Rachel. Em 1991, destaca-se a participação polêmica de Rachel no Programa Roda Viva para a Tv Cultura, cuja parte mais agressiva encontra-se na boca do escritor Caio Fernando Abreu:

Caio Fernando Abreu: E a última coisa, não vou me tornar constrangedor. Por várias coisas que você falou, concluo que você colaborou para coisas muito negativas nesse país, no meu ponto de vista. Compreendo que todos nós somos humanos, erramos, nos equivocamos e tal, mas estou me sentindo extremamente constrangido de estar na posição de render homenagem a um tipo de ideologia que profundamente desprezo.

Jorge Escosteguy: Caio, você tem que fazer perguntas, e não render homenagem, desculpe.

Caio Fernando Abreu: Está certo.

Jorge Escosteguy: A entrevistada é a escritora Rachel de Queiroz.

Caio Fernando Abreu: Só queria dizer isto: não tenho mais perguntas a fazer. Minha participação se encerra aqui.

Rachel de Queiroz: Gostaria de responder a você que nós estamos num país democrático, eu respeito as suas posições e espero que você respeite as minhas.

Caio Fernando Abreu: Respeito, tanto que me calo.

Rachel de Queiroz: Pois é, se as minhas posições são constrangedoras, acho as suas também muito constrangedoras para mim. E realmente estou sendo exigida a me pronunciar sobre esses temas que eu não gostaria de ser, para não ser descortês com você, de forma que é recíproca a nossa posição³².

³¹ QUEIROZ, Rachel de. Carta aos alunos e mestres da Faculdade de Letras de Friburgo. *O Cruzeiro*. 10/11/1970, p. 146. Fundo Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles.

³² Ver: QUEIROZ, Rachel de. Entrevista ao Programa Roda Viva. TV Cultura. São Paulo. 01/07/1991: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel%20de%20Queiroz/entrevistados/rachel de queiroz 1 991.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/407/Raquel%20de%20Queiroz/entrevistados/rachel%20de%20queiroz_1991.htm). Acessado em 05/11/2012.

O começo da década de 1990 é marcado pelo discurso do heroísmo da resistência, da denúncia da tortura e do menosprezo agressivo pelo regime instaurado em 1964, o que torna o comentário de Caio Fernando Abreu um reflexo destas posições, dirigidas aos símbolos da ditadura. Por outro lado, na longa entrevista realizada pelo Instituto Moreira Salles em homenagem a Rachel de Queiroz o tema polêmico aparece mais como um esforço de compreensão – por parte dos entrevistadores, e de defesa – por parte da autora:

Como foi o seu apoio aos militares em 64?

[...] Olhando desapaixonadamente, a ação dos generais não foi tão ruim quanto dizem nem tão boa quanto os generais pretendem. Foi um governo de ocasião, mas que tentou conciliar e, assim que foi possível, abandonar, abandonaram e entregaram para os civis.

[...]

Você foi comunista, trotskista...

Pertenci ao Partido Comunista durante 24 horas. Era simpatizante, fui admitida, mas no dia seguinte, tive uma grande briga e abandonei o partido. Ideologicamente, continuo trotskista, o camarada Trotsky ainda é uma personalidade muito importante para mim. Era um grande escritor”³³.

O mais interessante destas entrevistas, além da intenção dos próprios interlocutores e do projeto ao qual estão vinculados, é observar o foco dirigido aos anos 1930 e 1960. No entanto, pouco se tentava compreender do momento passado entre os dois momentos históricos, ou seja, ao longo do Estado Novo e durante o período da experiência democrática a partir de 1945. Já da parte de Rachel de Queiroz, como as perguntas se repetem, vê-se ao longo dos anos a construção de uma mesma resposta, sem muito desenvolvimento de novos argumentos em relação aos temas do comunismo de 30 e da ditadura de 64.

Somente nas maiores entrevistas, publicadas por Nery em 2002 e pela irmã, Maria Luiza de Queiroz, em 1998, as perguntas procuram explorar melhor a relação entre Rachel e os diversos presidentes da República, revelando alguns detalhes a mais da participação da autora nos meandros da política ao longo da vida, mas ainda com especial atenção às décadas de 1930 e 70. Não é possível também esquecer a entrevista de Isabel Lustosa nos anos 1990 que revela aspectos polêmicos da atuação política de Rachel de Queiroz e que, no entanto, nunca saiu a público.

³³ QUEIROZ, Rachel de. Entrevista à Folha Ilustrada. São Paulo. Set/1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml>. Acessado em 15/06/2010s.

Em *Tantos Anos*, por exemplo, Rachel comenta a expulsão do PCB já em 1932, a participação em grupos trotskistas de São Paulo a partir de 1933, junto a seu primeiro marido, José Auto³⁴, e revela também a dimensão política da geração intelectual à qual pertenceu, para quem a escrita e a prática política eram intrínsecas. É um verdadeiro mapeamento do campo intelectual que a circundou durante cada período da vida, com a citação de dezenas de nomes, além da problematização mais romantizada da infância, da família e do sertão.

Logicamente, é um livro escrito com a irmã e publicado pela editora da autora, ou seja, uma ótima oportunidade para esclarecer questões importantes da sua trajetória literária e política. Neste sentido, a discussão que merece atenção é o capítulo chamado por Rachel de “Revolução”.

Ao invés de assumir uma posição envergonhada ou de negar sua participação no golpe de 1964 num momento em que este assunto é ainda extremamente polêmico, Rachel de Queiroz procura explicá-lo, conectando sua resposta nos anos 1990 à posição que assumia politicamente na época do golpe, ou seja, à posição de oposição política, muito próxima à da União Democrática Nacional (UDN) à época.

Quando escolhe o título para o capítulo, Rachel de Queiroz enfatiza suas definições da década de 60, qual seja, apoiar uma revolução, uma mudança na ordem política até então vigente. É um capítulo que parece importante de ser escrito nos anos 1990, visto a insistência com que o tema aparece na boca dos jornalistas que entrevistam a autora por essa época.

“Para falar na revolução de 1964, a gente tem que começar por duas figuras: Getúlio e Castelo Branco”³⁵, afirma Rachel. Getúlio Vargas era o símbolo da “reação, do fascismo, da aliança com o Eixo. E essa imagem de Getúlio Vargas não se acabou com sua morte: prolongou-se através de Jango, de Brizola, do queremismo de Hugo Borghi”³⁶. Na memória racheliana, portanto, Vargas e o varguismo seriam lembrados a partir do contexto da Segunda Guerra Mundial e da ascensão dos regimes autoritários dos anos 1930.

Mas o capítulo é interessante não só por problematizar esta oposição a Getúlio Vargas e sua herança política nos anos 1960, como também por complexificar as ideias de esquerda e

³⁴ QUEIROZ, Rachel; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. cit* , p. 219.p. 67.

³⁵ QUEIROZ, Rachel; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. cit* , p. 219.p. 214.

³⁶ QUEIROZ, Rachel; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. cit* , p. 219.p. 214.

direita: “E Jango veio, com a sua máscara de elemento de esquerda, mas ninguém se enganava com isso: ele realmente não era, nunca foi, o que se entendia por esquerda”³⁷.

Já a relação de Rachel e do marido Oyama de Macedo com o até então Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, passa por um crivo ainda pouco problematizado nos estudos da história política: a amizade. A autora afirma tê-lo conhecido através do amigo então udenista Paulo Sarasate, quando ela ainda morava na Ilha do Governador, provavelmente nos anos 1950: “E, Alencar que era, descobrimos que éramos parentes; e, assim, entre nós, surgiu uma relação muito simpática, muito cordial”³⁸.

Escrevendo sobre sua participação nas tramas de 1964, a autora revela, por meio de sua linguagem marcadamente cronística, os aspectos que considera importantes para explicar seu envolvimento nesta época do regime militar. É como um relato do cotidiano de uma conspiração. Rachel de Queiroz cita nome de civis e militares com quem mantinha contato nos momentos imediatamente anteriores ao golpe de abril e com quem afirma ter conspirado.

Já no livro de Nery, cumpre destacar que, mesmo por serem entrevistas longas, é possível mapear, não somente os campos intelectuais e políticos da autora, mas também suas opiniões sobre política, ideologias, autonomia, utopias, sobre o PCB, Vargas, Juscelino, Jânio Quadros, Jango, os militares, Sarney, Collor e até FHC. Assim, o livro torna-se importante por trazer mais detalhes sobre os envolvimento políticos da autora em contextos diferentes do que os já conhecidos anos de 1930 e 1964.

Rachel faz questão de não se vincular aos demais presidentes do regime e defender seu apoio à “Revolução” com bases não somente em seus ideais, mas também em suas amizades políticas. No entanto, ao analisarem-se as crônicas do período militar, que merecem especial atenção, percebe-se que, de fato, Rachel de Queiroz não mantém a mesma defesa apaixonada que desempenhou durante o governo de Castelo Branco, mas tampouco se aventura a críticas, elogiando por vezes ações do governo ou os próprios presidentes.

Por fim, neste comentário sobre a participação de Rachel de Queiroz no golpe civil militar, cumpre destacar o artigo publicado pela historiadora Isabel Lustosa em 2014. Este

³⁷ QUEIROZ, Rachel; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. cit* , p. 215.

³⁸ QUEIROZ, Rachel; QUEIROZ, Maria Luiza de. *Op. cit* , p. 215.

pequeno texto problematiza a complexidade do tema e coloca em questão a relação não só de Rachel de Queiroz, mas da elite brasileira de modo geral com a herança do trabalhismo representada no momento do golpe nas ações de João Goulart e do PTB.

Conclusões

Em 1970, Rachel de Queiroz considerava-se tão longe da jovem romancista de *O Quinze*, “ingênua, revolucionária, insolente”, que afirma em certa crônica: “a velha devorou a moça”³⁹. Nesta época, ainda sobre o regime militar, a memória sobre si mesma evoca a velhice como sinal de abandono dos ideais revolucionários e conformação com o presente. O conservadorismo é explicado pela ação do tempo.

Neste sentido, observando a trajetória da escritora cearense percebe-se a relação entre sua paulatina inserção no campo literário modernista e a necessidade de assumir opiniões políticas no espaço público. Isto pela própria visão que Rachel de Queiroz tinha em relação à sua função de elite intelectual. Ainda que tenha participado do Partido Comunista e de grupos trotskistas por mais de uma década, a verdadeira cultura política que exigiu sua atenção e posicionamento foi o fenômeno Vargas e o trabalhismo. A militância de Rachel de Queiroz e de seu círculo de sociabilidades entre os anos 1940 e 1960 terá como foco a crítica a estas culturas políticas.

Pensar uma biografia que vai das esquerdas às direitas pode elucidar algo do pragmatismo de nossa elite política e intelectual para manter o lugar que ocupa no campo ao qual pertence de modo a garantir ou aumentar seus privilégios, além de evidenciar a importância que o trabalhismo enquanto cultura política tem ainda na história brasileira, tanto para seus defensores como principalmente para seus opositores.

Percebeu-se neste artigo diferentes fases na memória sobre a trajetória política de Rachel de Queiroz, tendo as publicações dos anos 1970 uma ênfase na participação de Rachel

³⁹ QUEIROZ, Rachel de. 10/11/1970. “Carta aos alunos e mestres da Faculdade de Letras de Friburgo”. In *O Cruzeiro*: 146. Sessão de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional.

de Queiroz no comunismo dos anos 1930 e uma possível contradição ideológica em relação aos anos 1960, evidenciada nas perguntas feitas pelos jornalistas.

Nas entrevistas da década de 1990, destaca-se aquela para o Programa Roda Viva, onde o peso da ditadura de vinte anos é descarregado sobre a escritora que apoiou o regime. Já no final da década, publicações em livro, como o caso da publicação do IMS, de Rodrigues Nery, ou junto à própria irmã, vão complexificar o assunto, numa tentativa de defesa ou, ao menos, compreensão não só do primeiro governo Vargas e do golpe em 1964, como também de outros marcos históricos, outros governos, outras intervenções políticas.

Por fim, as “comemorações” dos cinquenta anos do golpe civil militar trouxeram à tona novos discursos e possibilidade de complexificar o tema da direita intelectual e sua atuação na política brasileira. Sendo assim, o interesse pela memória e pela trajetória intelectual de Rachel de Queiroz não está somente relacionado à data de 1964 em si, mas à discussão sobre a democracia brasileira, à relação entre imprensa e política, ao conservadorismo de grande parte da elite intelectual brasileira e à possibilidade de repensar nossa história de um ponto de vista menos polarizado e mais complexo⁴⁰.

Referências bibliográficas

ACIOLI, Socorro, *Rachel de Queiroz*, Fortaleza, Demócrito Rocha, 2003.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste – e outras artes*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

AZEVEDO, Ricardo de & MAUÉS, Flamarion, dir. *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

⁴⁰ Em outro artigo, pude publicar mais resultados da tese defendida em 2015 e narrar de forma cronológica a trajetória intelectual de Rachel de Queiroz até 1964. Ver: GUERELLUS, Natália de Santanna. Rachel de Queiroz política: uma escrita entre direitas e esquerdas no Brasil (1910-1964). In: *Caderno espaço Feminino*, Uberlândia, v. 29, n. 1, jan/jun 2016, p. 211-236.

BARBOSA, Lourdinha Leite & ARAGÃO, Cleudene de Oliveira (Orgs), *100 anos de Rachel de Queiroz: vida e obra*, Fortaleza: Assembleia Legislativa do Ceará e Edições Inesp, 2010.

BARROSO, Parsifal. *Uma história da política do Ceará*. Fortaleza: Banco Nordeste, 1984.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183-191.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/FCRB, 1992. p. 13-22.

COUTINHO, Fernanda (Orgs), *Rachel de Queiroz: uma escrita no seu tempo*, Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

DREIFUSS, René. *1964: a conquista do estado, ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. São Paulo, 2009. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia. Universidade de São Paulo. 387p.

FERREIRA, Jorge. “O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964”. In _____. & DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 343-404.

_____. & GOMES, Ângela de Castro. *1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, no. 47, p. 29-60, 2004.

GUERELLUS, Natália de Santanna. *Regra e Exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930*. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2013.

_____. *Como um Castelo de cartas: Culturas políticas brasileiras e a trajetória de Rachel de Queiroz*. Tese (Doutorado em História). 2015. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói. 388p.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. “O ‘éthos’ Rachel”. In *Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles. Número 4. 2002 [1994], p. 103-115.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. “A roupa de Rachel” in: *Estudos Feministas*, v. 0, n. 0, 1992, p. 74-96.

LUSTOSA, Isabel. *Rachel e o golpe*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles. <http://em1964.com.br/rachel-e-o-golpe-por-isabel-lustosa>. 2014.

NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2002.

QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010 [1998].

RICOEUR, Paul. *Memória, História, Esquecimento*. Campinas, Ed. Unicamp, 2ª ed., 2010.

SANTOS, Raquel França dos. Raquel França dos Santos, intitulada: *A “Última Página” do O Cruzeiro: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64*. Tese (Doutorado em História). 2015. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói. 284p.

SILVA, Ângelo José da. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. ; ORY, Pascal. *Les intellectuels en France: de l’affaire Dreyfus à nos jours*. Éditions Perrin, 2004.